

A SOCIOLOGIA DA CULTURA AFRICANA NA OBRA DE MÁRIO PINTO DE ANDRADE¹

Víctor Kajibanga*

Introdução

A civilização, a cultura, a linguística e a literatura são os domínios que maior desenvolvimento receberam na ensaística do primeiro sociólogo angolano, Mário Pinto de Andrade (1928 - 1990)². O seu imaginário sociológico, que se consolidou ainda em Lisboa, deveu-se sobretudo ao facto de, muito cedo, Mário Pinto de Andrade ter começado a encarar a cultura como fundamento da sociedade. Aliás, a coerência da tradição sociológica endógena, que entre nós ele é o fundador, releva da importância que ele atribui aos problemas culturais, à análise dos problemas sociais e vice-versa.

No presente texto falo da contribuição de Mário de Andrade à abordagem sociológica dos aspectos da civilização, cultura, linguística e literatura - domínios que, de resto, podem ser inseridos num *corpus* mais vasto, o da chamada sociologia das obras de civilização, emprestando um termo do primeiro professor de sociologia de Mário Pinto de Andrade, Georges Gurvitch (1894 - 1965)³. Porém, aqui, trato apenas as questões específicas que dizem respeito à contribuição de Mário de Andrade ao tratamento sociológico dos problemas da civilização, cultura e literatura negro-africanas, nesta última categoria com maior

¹ Excertos do livro "A alma sociológica na ensaística de Mário Pinto de Andrade. Uma introdução ao estudo da vida e obra do primeiro sociólogo angolano", em preparação.

* Universidade Agostinho Neto (Angola).

² Nasceu no Golungo Alto a 21 de Agosto de 1928.

³ O termo sociologia das obras de civilização foi pela primeira vez utilizado por Gesges Gurvitchi no segundo volume do seu Tratado de Sociologia. Para este sociólogo, a sociologia da obras de civilização subentende os seguintes domínios do saber sociológico: Sociologia das religiões, Sociologia do conhecimento, Sociologia da vida moral, Sociologia do direito, Sociologia criminal, Psicossociologia, Sociologia da linguagem, Sociologia da arte, Sociologia da literatura e os aspectos sociológicos da psicologia social e da personalidade da etnologia e da psicanálise.

ênfase à poesia negro-africana de expressão portuguesa.

1. Elementos da sociologia da cultura e da linguística africanas

A maior parte dos primeiros trabalhos e intervenções públicas de Mário de Andrade, inscrevem-se no âmbito dos problemas sociológicos da cultura e da linguística. Refiro-me aos artigos dispersos sobre “*O Folclore na cultura bantu*” (1950), “*A imprensa angolana e a nossa cultura*” (1951a), as “*Questões de linguística banto*” (1951b), “*O problema linguístico-negro africano*” (1953a), “*Exotismo e folclore*” (1953b), assim como às suas palestras sobre os temas: “*A expressão do Kimbundo*”, proferida na Casa dos Estudantes do Império (em Abril de 1950), “*História das civilizações em África: o passado ante-europeu*”, intervenção no Centro de Estudos Africanos, a 16 de Dezembro de 1951; “*Do preconceito racial e da miscigenação*”, intervenção no Centro de Estudos Africanos, a 16 de Março de 1952; e “*Como se exprime o negro*”, intervenção no Centro de Estudos Africanos, em 1952.

Os fundamentos metodológicos da visão sociológica de Mário Pinto de Andrade sobre a cultura foram formulados, pela primeira vez, em Março de 1952, numa célebre palestra sobre o tema “*Do preconceito racial e da miscigenação*”, proferida no Centro de Estudos Africanos, em Lisboa. Aqui, o ensaísta angolano apresentou, à luz dos estudos sociológicos e antropológicos contemporâneos, o seu conceito de cultura, que servirá de base metodológica de todo o seu pensamento sociológico.

Mário de Andrade define o conceito de cultura em duas dimensões, nomeadamente uma dimensão intencional e outra extencional. Para o sociólogo angolano, «*a cultura compreende tudo o que é socialmente herdado ou transmitido, o seu domínio engloba uma série de factos dos mais diferentes : crenças, conhecimentos, literatura (muitas vezes tão rica, então sob a forma oral, entre os povos sem escrita) são elementos culturais do mesmo modo que a linguagem ou qualquer outro sistema de símbolos (emblemas religiosos, por exemplo) que é o seu veículo, regras de parentesco, sistemas de educação, formas de governo e todos os outros modos segundo os quais se ordenam as relações sociais são igualmente culturais; gestos, atitudes do corpo, até mesmo as expressões do rosto, provêm da cultura, sendo em larga escala coisas socialmente adquiridas, por via da educação ou instituições; tipos de habitação ou de vestuário, instrumentos de trabalho, objectos*

de trabalho, objectos fabricados e objectos de arte, sempre tradicionais, pelo menos em algum grau - representam, entre outros elementos, a cultura sob o seu objecto material.» (1952, p. 3). No mesmo lugar, o autor acrescenta que a cultura não deve ser reduzida «ao que se entende na linguagem corrente quando se diz duma pessoa que ela é “cultura” (isto é, provida de uma mais ou menos rica e variada gama de conhecimentos nos principais ramos das artes, das letras e das ciências, tal como foram constituídas no Ocidente), longe de se identificar com esta “Cultura” de prestígio que não é senão a florescência dum vasto conjunto pelo qual ela está condicionada e de que não é senão a expressão fragmentária, a cultura deve pois ser concebida como compreendendo na verdade, todo este conjunto coerente de ideais, de mecanismos, de instituições e de objectos que orientam - explicita ou implicitamente - a conduta dos membros dum grupo dado» (1952, p. 3).

Esta longa definição, parte de uma compreensão simultaneamente sociológica e antropológica de cultura. O ponto de partida da cultura é o homem, sendo este um ser social dotado de cultura (1952, p. 3). Para Mário de Andrade, a cultura é um facto social, cujo sujeito-criador é o homem. «Tudo é obra do homem»- afirma o ensaísta angolano no seu já citado célebre informe sobre o preconceito racial e a miscigenação (1952). O sociólogo angolano entende a cultura como um fenómeno social e atribui ao homem (agente social) o papel central na produção e realização da cultura.

Na sociologia, o conceito de *facto social* foi pela primeira vez usado pelo sociólogo francês Emile Durkheim (1858-1917). Portanto, a sua utilização constante no já citado texto de Mário Pinto de Andrade (1952) revela-nos três aspectos importantes para o entendimento dos princípios metodológicos que norteiam a imaginação sociológica de Mário de Andrade: em primeiro lugar, o conhecimento das obras de Emile Durkheim e dos sociólogos da chamada Escola Durkheimiana (a mais importante escola da sociologia francesa); em segundo lugar, a assumpção de uma posição epistemológica, que pode ser filiada, embora com algumas reservas, na chamada concepção objectivista (Durkheimiana) de acção social, que postula o *facto social* como «toda a maneira de agir, fixa ou não, susceptível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior, que é geral na extensão da sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (Durkheim, 1995, 39); em terceiro lugar, a adopção da concepção Durkheimiana sobre as *regras do método sociológico*, que consistem, primordialmente, no tratamen-

to dos factos sociais como coisas (Durkheim, 1995). De resto, no texto em referência, Mário de Andrade privilegia a análise dos fenómenos sociais (tais como civilização, cultura, língua, literatura, racismo e outros) como factos sociais, isto é, como coisas.

Por outro lado, há na concepção sociológica de Mário de Andrade sobre a cultura, uma tentativa de reconciliar duas posturas teóricas diametralmente opostas: o objectivismo sociológico de Durkheim com o relativismo cultural de Franz Boas. Assim, quando critica as posições eurocêtricas, que postulavam teses segundo as quais *«as civilizações que floresceram na África Negra antes do colonialismo Europeu, eram civilizações tecnicamente atrasadas»*, ele arranca os seus argumentos de Franz Boas: *“A história da humanidade - diz Mário de Andrade citando Boas - prova que os progressos da cultura dependem das ocasiões oferecidas a um grupo dado, de aproveitar um ensinamento da experiência dos seus vizinhos. As descobertas de um grupo estendem-se a outros grupos e quanto mais variados são os contactos, maiores são as ocasiões de aprender. As tribos cuja cultura é a mais simples, são no conjunto, aquelas que foram isoladas durante períodos muito longos, de modo que elas não puderam aproveitar o que os seus vizinhos tinham conquistado em matéria de cultura»* (Andrade, 1952, p. 5).

No mesmo texto, Mário Pinto de Andrade abraça dois outros postulados teóricos do relativismo cultural. O jovem ensaísta angolano, considerava então que *«as culturas não podem ser hierarquizadas. Não há culturas superiores nem inferiores. Quase todas tem os seus pontos altos e baixos»* (1952, p. 5).

Outra tentativa de associar as perspectivas objectivista e relativista, é ensaiada por Mário de Andrade na análise dicotómica que faz sobre a relação da língua enquanto facto social com o sistema de hierarquia sócio-cultural. Na esteira de Mário Pinto de Andrade, *«A língua, instrumento e condição de pensamento, facto social, não pode servir para estabelecer uma hierarquia entre as culturas»* (1952, p. 5). Mário de Andrade estabelece uma comparação entre as literaturas orais das línguas bantu com as literaturas nas línguas europeias. Ele conclui dizendo que *«as línguas bantu consideradas pelos europeus como selvagens ou não civilizadas, possuem uma estrutura morfológica muito mais rica e variada que os idiomas dos génios do Ocidente. As fábulas do folclore (negro-africano), em nada ficam a dever às de Esopo ou de la Fontaine»* (1952, p. 5).

Já atrás dissemos que Mário de Andrade via a língua como um

facto social. É a velha questão do estudo sociológico das relações entre o instrumento da linguagem articulada, a língua e a sociedade que a fala (cf. Granai, 1977; Carvalho, 1991). É um ponto de partida sociológico na compreensão da linguagem como um fenómeno da existência social. Este tema mereceu destaque nos já referidos trabalhos de Mário de Andrade: “*A expressão do kimbundu*” (1950), “*Questões de linguística banto*” (1951, 1952) e “*O problema linguístico negro africano. (Esquema)*” (1953). Na mesma linha, o estudioso angolano, trabalhou no alargamento da *Kimbundu Grammar de Héli Chatelain* e ensaiou estudos sobre a estrutura da língua kimbundu, em estreita conexão com o estudo da tradição oral e do folclore (cf. 1997b, p. 93).

No artigo “*Questões de linguística “bantu”. Da posição do “kimbundu” nas línguas de Angola*”, escrito em Fevereiro de 1950 e publicado na revista “*Mensagem*” (números 1/2 e 3, de 1951/1952), Mário de Andrade levanta o problema da importância das línguas, (as línguas banto, sobretudo o kimbundu), para o estudo e conhecimento da geografia humana de Angola.

Mário de Andrade faz um estudo crítico das obras até então publicadas no domínio da linguística bantu e polemiza com dois estudiosos da linguística Bantu, nomeadamente J. Torrend, autor do livro *Comparative Grammar of South-African Bantu Languages* e Drexel, autor da *Carta linguística da África*. Também critica a visão exótica das línguas e das sociedades africanas presentes nas obras de Renato de Mendonça (*A Influência Africana no Português do Brasil*), de Alfredo Trombetti (*Elementi di Glottologia*), de Bernardo Maria Cannecanttin (*Colecção de observações Gramaticais sobre a língua bunda ou angolense e dicionário abreviado da língua Conguesa (1805 e 1819)*) e de Saturnino de Sousa e Oliveira Manuel Francina (*Elementos Gramaticais da “língua mbundu”*).

Por outro lado, o ensaísta angolano saúda Héli Chatelain, autor de *Cartilha Racional para se Aprender a Ler o Kimbundu ou Língua Angolense* (1892), José Cordeiro da Matta e António de Assis Júnior, este último autor do *Dicionário Kimbundu - Português*. Estes três autores apresentam uma visão sociocultural endógena sobre a língua kimbundo e a sociedade que a fala. Para Mário Pinto de Andrade, Héli Chatelain é um autor insuspeito, enquanto Cordeiro da Matta é o quimbundista mais autorizado do seu tempo (Andrade, 1951/1952b, p. 31).

A polémica com Torrend, Drexel e outros, tem por base três questões. O primeiro problema da polémica consiste na confusão em

relação à designação das línguas e dos povos de Angola. O jovem ensaísta angolano critica J. Torrend pela «confusão de nomes dos povos “Ambundu” e da sua principal língua» (1951/1952b, p. 6). Torrend atribuiu à palavra “A-mbundu” ou “A-mbunda” dois sentidos etimológicos. No primeiro caso, o significado de “os invasores”, e, no segundo caso, o sentido de “atrás”, “costas”, “back”, ou “ocidente”. Outro ainda, o padre capuchinho Bernardo Maria Cannecattin, atribui à “língua bunda” o sentido etimológico de “batedor”, relacionando-o segundo Mário de Andrade com o verbo ku-bunda, que significa bater (1951/52b, p. 31). Mário Pinto de Andrade classifica as posições do padre capuchinho de categóricas e fantasistas, portanto não merecedora de crédito. Segundo o sociólogo e historiador Mário de Andrade, Cannecattin «esboçou (...) confusamente, a história das origens da língua em questão, (...) começa por a denominar mal: Língua bunda» (1951/1952b, p. 31). Mário de Andrade conclui a sua crítica a Cannecattin, dizendo que ele se perdera «nas observações latinas que nada têm a ver com o kimbundu» (1951/195b, p. 31).

O segundo problema da polémica, está relacionado com a questão da moderna ortografia do kimbundu. Mário de Andrade questiona as regras de grafia latina utilizadas na escrita do kimbundu. O estudioso angolano refere-se ao livro *Arte da língua de Angola*, do padre Pedro Dias (1697). O autor, um padre da Companhia de Jesus, pretende nesta obra aplicar o que ele chama de «regras gerais que pertencem a todas as línguas e que se podem acomodar às do quimbundu» (citado por Andrade, 1951/1952b, p. 31). Para Mário de Andrade, trata-se da primeira tentativa de gramática do kimbundu, com iniciação as regras de sintaxe, «curiosa pela insistência de citações da gramática latina» (Andrade, 1951/1952b, p. 31).

O último problema que estrutura essa polémica, é a imprecisão na classificação etno-linguística e na distribuição etnográfica e etnológica, dos povos de Angola. Segundo Mário de Andrade, em Torrend a classificação dos povos de Angola inclui apenas seis comunidades humanas: (i) Angola proper in the district of St. Paul de Loanda, (ii) Angola cluster mbamba; (iii) Mbangala, at Kassanje, (iv) Sertão at Ambaka, (v) Lower Congo, or Fiote, at, and round, S. Salvador, e (vi) Lunda, between the Upper Kassai and upper Luluba. Na mesma esteira, critica também a classificação de Alfredo Trombetti, que apresenta uma visão numérica do mosaico étnico de Angola com os seguintes povos: “3 grupos mbundu sud, 4 Kwango o Mbunda, 5 grupos Angola, 7 Loango ou Fiote, 8. Buma, 9. Lunda, e

10 gr. Luba" (sic). (Andrade, 1951/1952b, p. 5, 31, 32, 38)

O principal motivo das insuficiências consiste, segundo Mário de Andrade, na ausência de trabalhos históricos. Esta acarreta, por sua vez, as insuficiências referidas no parágrafo supra. Passo a citar o resumo feito por Mário de Andrade sobre o assunto: «*Passando a examinar os trabalhos especializados em que se fala da "língua de Angola" ou declaradamente do "Kimbundu" verificamos a inexistência de gramáticas históricas, pois a maior do que está feito neste campo, dirige-se apenas ao conhecimento prático de umas regras elementares, muitas vezes mal expostas. Nem sequer uma pequena alusão histórica. Muitos dizem vagamente onde se fala a língua e alguns aventam hipóteses de relações do Kimbundo com as línguas clássicas e semíticas. Ora, se de facto há um interesse imediato na elaboração destas gramáticas, não é destituída de razão a defesa da língua, da sua história e, pelo menos, uma localização dos pontos onde ela se fala, dos dialectos que compreende e das relações com as línguas que a rodeiam*» (1951/1952b, p. 6).

Mário Pinto de Andrade saúda Héli Chatelain, o primeiro a desvendar os segredos do kimbundu e a «*mostrar toda a vernaculidade dos termos próprios do povo que fala (ambundu) uma língua (kimbundu)*» (1951/52b, p. 38). O mérito do insuspeito autor, benemérito filólogo e folclorista (é esta a caracterização que Mário Pinto de Andrade faz sobre Cheteilain), consiste em vários factores. Primeiro, por ter definido correcta e historicamente a palavra *kimbundu* como língua e ter estabelecido a sua distinção das línguas kikongo e do umbundu. Mário de Andrade diz, citando Cheitelain, que o kimbundo é falado pelos Dembos, Angolas, Mahungos, Jingas, Holos, Bundos, Bângalas, Quissamas, Libolos, Quibalas, Songos, Mussendes e Acos (1951/1952b, p. 32). Em segundo, por ter escrito o primeiro *Ensaio de Dicionário Kimbundu-Português*; Em terceiro lugar, por ter feito um estudo empírico do folclore e reunido fábulas africanas e da poesia tradicional. Finalmente, por ter feito, com base no estudo das línguas, uma divisão etnossociológica dos povos de Angola. Em relação a esta problemática Mário de Andrade é peremptório: «*Quanto a divisão etnográfica, dentro da sua época, não sei de outra mais completa. Os limites dos distritos nessa divisão coincidem até certo ponto com as das nações, que constituem a população nativa da Província. Assim, a nação do Congo ocupava a maior parte do distrito do Congo e envolvia a parte norte do de Luanda ocupada pela nação de Angola (A-mbundu), nome extensivo a toda a Província. O distrito de Benguela era ocupado*

pelos Ovi-mbundu embora muitos tivessem afinidades com os parentes Ova-Herero e Ova-Ndonga. Os Além-Kwango ainda não estavam localizados pelas autoridades portuguesas. Depois, faz a relação das tribos da nação Congo incluídas em Angola, as tribos de Angola ou nação dos A-mbundu e nota outras de Amboim, do novo Redondo e interior de Quibala, os do Bié, do Sudeste de Angola, do Alto Zambeze, e finalmente os do baixo Cuabango (Ma-mbunda). Esta divisão - prossegue o sociólogo angolano - corresponde à divisão em línguas e dialectos» (Andrade, 1951/1952b, p. 38).

Como se pode ver desta longa citação, as preocupações linguísticas de Mário Pinto de Andrade têm uma finalidade sociológica, ou seja, a do estudo das nações étnicas. Para realização desse desiderato de reflexão sócio-cultural, Mário de Andrade empreendeu um estudo sistemático do kimbundu: fez um levantamento bibliográfico de tudo o que se relacionava com as línguas de Angola (1997, p. 91-95) Realizou concomitantemente estudos com vista à reformulação do kimbundu e à construção de uma morfologia do kimbundu. Este trabalho, que não foi concluído, culminaria com a reclassificação etnosociológica das comunidades étnicas de Angola, em particular as comunidades que integram o povo ambundu.

Embora inacabado, temos de reconhecer, porém, que o trabalho teórico e empírico empreendido por Mário de Andrade, confirmava as suas primeiras teses sobre o nexos existente entre a língua e a sociedade que a fala, a problemática da língua kimbundu - lançada em Abril de 1950, numa conferência sobre o tema "A expressão do kimbundu", proferida na Casa dos Estudantes do Império. De resto, neste texto paradigmático, Mário de Andrade atribuía «ao kimbundu o estatuto de língua que tinha uma estrutura linguística que poucos conheciam e que tinha uma literatura» (1997, p. 93; 1951/1952b; 1950a), que devia ser estudada tendo em conta a sociedade do seu enraizamento.

2. A construção da sociologia da literatura negro-africana

Mário Pinto de Andrade foi um dos primeiros divulgadores, historiadores e sociólogos da literatura negro-africana de expressão portuguesa. Ele notabilizou-se pela construção de um quadro de referência da sociologia da literatura negro-africana, sistematizando estudos sobre poesia, romance, ensaio, crítica literária e teatro. Estes aspectos que representam o domínio que maior atenção mereceu na

actividade intelectual de Mário de Andrade, foram desenvolvidos nas diversas antologias de poesia africana de expressão portuguesa (1979a, 1976a, 1969a, 1968c, 1967a, 1961b, 1961c, 1961e, 1958a, 1953a), nos diversos textos crítico-literários e ensaísticos (1971b, 1967b, 1958b, 1954c, 1954b, 1954a, 1955e, 1955a, 1953d, 1953c, 1953b, 1951d, 1951b).

Neste item, presto maior atenção ao seu contributo ao estudo dos aspectos sociológicos da poesia negro-africana, expressos nas introduções às antologias de 1953, 1958, 1967, 1968 e nos textos ensaísticos sobre a literatura-negro africana (ver bibliografia de Mário Pinto de Andrade). Também se aborda sobre a sua contribuição na construção sociológica das antologias poéticas e para a percepção sociológica da linguagem da moderna narrativa angolana.

2.1. *Pressupostos sociológicos da poesia negro-africana*

A elaboração do *corpus* de uma sociologia da poesia negro-africana de expressão portuguesa, é um dos aspectos que mais marcou a actividade intelectual de Mário Pinto de Andrade. A construção dos pressupostos de uma sociologia da poesia negro-africana começa com reflexões teóricas sobre o tema, prolonga-se com a sistematização temática das várias antologias que elaboram e se consolidam em toda a sua produção teórica sobre a poesia negro-africana de expressão portuguesa. Os seus trabalhos neste domínio constituem uma contribuição original ao pensamento sociológico africano.

Mário Pinto de Andrade lança as bases da sua concepção sociológica de poesia negro-africana, no prefácio ao caderno homónimo de poesia negro-africana, escrito em 1953. O sociólogo angolano localiza a poesia negro-africana nos quadros sociais das sociedades e da tradição negro-africanas, vendo a poesia como uma estética de enraizamento *no complexo social africano* (Tenreiro e Andrade, 1982: 48) e de amadurecimento duma nova consciência dos problemas africanos (Ibidem: 47). Para Mário de Andrade, a poesia negro-africana «está expressa nas canções, vinculadas aos acontecimentos da comunidade: nas cerimónias de nascimento, iniciação, casamento, caça ou funeral, quando há necessidade de os jovens exercerem a sua influência sobre a amada, de as mães educarem ou embalarem os filhos, de os velhos perpetuarem a tradição da comunidade, de os chefes religiosos ou civis conservarem a obediência dos seus súbditos, de os guerrilheiros despertarem a sua coragem durante o combate e inspi-

rarem temor ao inimigo, enfim, canções religiosas de feitiçaria e maldição, canções invocando os benefícios da natureza, canções executadas pelos trabalhadores e tudo o mais que seja peculiar ao grupo. E a servir estas canções, as línguas e dialectos veiculares nativos, duma notável expressividade e concisão, tal como os ritmos de tam-tam» (Tenreiro e Andrade, 1982, p. 47).

Em 1954, num texto publicado no n.º 19 do periódico «Província de São Pedro», Mário de Andrade retoma a teoria de quadros sociais como premissa da produção e compreensão sociológica da poesia negro-africana. A partir desta data, a ideia de quadros sociais passa a constituir a alma do seu pensamento sociológico e a presidir todas as suas reflexões teóricas sobre a poesia africana. Para esse sociólogo, «*não se pode entender a poesia tradicionalmente negra, se não for integrada nos quadros sociais em que se tem movido o Homem negro. Entrevemos a Poesia Negra principalmente nos cantos, história oral das famílias ou das tribos, lendas, louvores dos antepassados e dos chefes, código da vida familiar e social, crenças religiosas e interpretações dos fenómenos da natureza, aspirações comuns, tudo o que é manifestação da "alma negra", guardado por "arquivos humanos" (quase sempre os mais antigos da colectividade) só pode ser intuído na forma linguista nativa*» (Andrade, 1995b, p. 393).

2.2. Dimensão sociológica das antologias poéticas de Mário Pinto de Andrade

Nos trabalhos antológicos, a dimensão sociológica da literatura é detectável sobretudo nos critérios que presidem à selecção dos autores e das temáticas. Por exemplo, na antologia de 1953, escrita em colaboração com Francisco Tenreiro e intitulada pelos autores *Caderno da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, o tema central é o da *negritude*.

Quanto ao produto literário e seus produtores, o *Caderno* contém um poema em espanhol do poeta cubano Nicolás Guillén e oito poemas em língua portuguesa: "Lá na Água Grande", de Alda do Espírito Santo (S. Tomé e Príncipe); "Aspiração" e "Criar", de Agostinho Neto (Angola); "Monangambá", de António Jacinto (Angola); "Coração em África", de Francisco José Tenreiro (S. Tomé Príncipe); "Magaíça", de Noémia de Sousa (Moçambique); "Mamã Negra" de Viriato da Cruz (Angola).

Nessa primeira antologia de poesia negra de expressão por-

tuguesa, não estão representados os poetas de Cabo-Verde e da Guiné-Bissau. Na nota final ao caderno, Francisco Tenreiro explica as causas dessa ausência. Tal sucede, escreve Tenreiro, por «a poesia das ilhas crioulas, com raríssimas exceções, não traduzir o sentimento da negritude que é a razão-base da poesia negra» (Tenreiro e Andrade, 1982, p. 82). «De menos interesse por isso? Menos válida para a compreensão do mundo negro?» “ - questiona-se Tenreiro. A resposta às suas perguntas é categórica: «De forma alguma. Trata-se (...) de uma poesia de características regionais bem vincadas, fruto da aculturação do negro no Arquipélago, e, como tal merecedora de estudo muito particularizado» (p. 82).

O poeta cubano Nicolás Guillén não figura por acaso nesse primeiro caderno de poesia negra africana. Na óptica do professor Manuel Ferreira (1982, p. 14), a explicação da presença do poeta cubano no Caderno, está expressa na dedicatória que abre o corpo poético do volume: «Dedica-se este caderno a Nicolás Guillén, a voz mais alta da negritude de expressão hispano-americana». Aliás, Guillén é um dos autores que maior influência terá exercido na poesia africana de expressão portuguesa produzida a partir dos anos quarenta até ao início da década sessenta.

Por outro lado, a inclusão de “um mais velho” reveste-se de importância cultural. A figura do mais velho é, na tradição africana, uma instituição social. O respeito e a homenagem aos mais velhos é, por outro lado, um pressuposto da sociologia das gerações nas sociedades orais. Na opinião de Manuel Ferreira, para os dois jovens (refere-se aos autores do caderno), Mário de Andrade e Francisco Tenreiro, a inclusão no caderno do famoso poema *Son número seis* do poeta cubano, era «um ideário e uma homenagem. Por um lado a fidelidade à negritude, por outro, a voz de um companheiro mais velho de jornada já então surpreendentemente admirado e prestigiado» (Ferreira, 1982, p. 13).

Como foi acima dito, a negritude é o critério societário que preside à definição da poesia negra da época e da poesia africana de expressão portuguesa. Na perspectiva do investigador português Alfredo Margarido, os autores do Caderno afirmam «sem ambiguidade que o elemento que permite unificar esta poesia é nem mais nem menos, ou até exclusivamente, a negritude. Só ela permitirá pôr fim à prática do assimilacionismo que criou um tipo de homem “marginal” e transitório que se dissolve na mentalidade europeia, apresentando só vagamente as suas raízes africanas» (Margarido, 1980, p. 80).

É na mesma perspectiva que se pode entender a postura teórica radical dos autores do Caderno, em excluir os poetas das ilhas crioulas. De resto, corroboro da opinião de Alfredo Margarido; o leit-motiv dessa postura não é de ordem literária. Pelo contrário, os autores do Caderno partem de critérios sociológicos. Neste caso, fundamentam a sua visão na questão da assimilação e da aculturação (Margarido, 1978a, p. 80-82)

No artigo “Poesia Negro-Africana de Expressão Portuguesa», escrito um ano depois da publicação do Caderno, Mário de Andrade continua a considerar a negritude como um movimento literário do Homem Negro. Esse ensaísta, confere ao conceito de negritude uma finalidade sociológica que se reveste nas instituições sociais, tais como a economia, a estrutura social e a família, a política e não só. Mário de Andrade escreve, pois, o seguinte: «A “negritude” - o termo é criação da intelectualidade negra francesa - pretende muito simplesmente a auto-realização do Homem Negro nos seus quadros de vida económica, social e política. O Homem Africano deve apresentar-se como tal, no conjunto vário da família humana» (Andrade, 1995b, p.394).

No mesmo lugar, o ensaísta homenageia os poetas da negritude de expressão francesa e atribui um sentido civilizacional e ecuménico ao movimento da negritude na poesia. «Os representantes mais fiéis da negritude são os poetas negros de expressão francesa e malgache. Desde o Senegal a Madagascar, das Guianas ao Haiti, Gibert Gratiant, Aimé Césaire, Guy Tirolien, Jacques Roumain, Sédar Senghor, David Diop, Jean Joseph Rabémananjara, são (...) os vanguardas do caminho duma autenticidade nova. (...) Trata-se de galvanizar formas de cultura do passado africano, de reunir os ecos mais distantes de outros companheiros da África ou da América, cantores das mesmas angústias e das mesmas ansiedades. Trata-se enfim duma presença negra no mundo» (p. 394-395).

Quanto aos poetas da negritude de expressão portuguesa, no texto em referência, Mário de Andrade assinala o nome de Francisco José Tenreiro e a data de publicação (1942) do seu livro de poesia *Ilha de Nome Santo*, como a primeira realização da negritude em “expressão” portuguesa. Refere-se às vozes mais destacadas na poesia negra de expressão portuguesa, entre as quais Agostinho Neto e Viriato da Cruz (Angola), Alda do Espírito Santo (S. Tomé e Príncipe) e Noémia de Sousa (Moçambique), nomes antologiadados no primeiro Caderno. Mário de Andrade tenta estabelecer a unidade entre os poe-

tas negros de expressão francesa e os de expressão portuguesa: «Os poetas Negros exercitam os seus timbres para cantar na grande sinfonia humana» (Andrade, 1995b, p. 395).

Em 1958, Mário Pinto de Andrade publica, com a chancela da editora Pierre Jean Oswald, a *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. Nessa obra são inseridos, além dos poetas do primeiro Caderno, também autores do Brasil, de Cabo-Verde e da Guiné Bissau. Na introdução à antologia, Mário de Andrade reconhece o significado histórico e sociológico do caderno de 1953, que constitui o primeiro trabalho de antologia da poesia africana de expressão portuguesa. No dizer de Mário de Andrade (1958, p. XV), «O caderno cumpriu a sua missão de revelar uma tomada de consciência negra de alguns de nós, no momento em que as vozes fraternais de Césaire, Senghor, Guillén, Langhoston Hughes, Desprestre nos soavam já fortemente aos ouvidos que nos incitavam a dizer os nossos problemas específicos».

Os nomes inseridos nessa antologia de 1958 são: dos angolanos Agostinho Neto, António Jacinto, Geraldo Bessa Victor, Mário António Fernandes de Oliveira, Mário Pinto de Andrade e Viriato da Cruz; dos cabo-verdianos Aguinaldo Fonseca, Gabriel Mariano, Jorge Barbosa, Osvaldo Alcântara, Ovidio Martins e Pedro Carsino Azevedo; dos guineenses Terêncio Casimiro e Anahary Silva; dos moçambicanos José Craverinha, Kalungano, Noémia de Sousa e Rui de Noronha; e ainda Solano Trindade, do Brasil.

Na nova antologia, Mário de Andrade estabelece uma certa ruptura com a negritude. Ela já não é assumida como o critério societário exclusivo para a caracterização da poesia negra de expressão portuguesa. No texto introdutório à antologia, Mário Pinto de Andrade justifica a nova postura epistemológica da seguinte maneira: «o 'depassement' da negritude é um facto evidente, entendida como simples afirmação do acto de existir no mundo, sobretudo com a poesia negra de expressão francesa, que constitui o seu principal veículo. Mas o poeta negro em nada deve renunciar a sua qualidade ou as suas características; pelo contrário, o fundamento da sua universalidade reside na plena afirmação da sua particularidade, que não é puramente étnica, mas tanto histórica como social e cultural, numa palavra, humana.» (Andrade, 1958, p. XIV).

O ensaísta português Alfredo Margarido, num texto de título extenso, aponta duas razões que, na sua perspectiva, estariam na base da nova postura de Mário Pinto de Andrade - a postura de supe-

ração da negritude: «a primeira reside no facto de que a negritude já não é a escala para medir a estrutura da poesia africana de expressão portuguesa; ultrapassada, ela é sobretudo um dos valores da poesia negra de expressão francesa e aí deve ficar circunscrita; a segunda mostra que a negritude, ao mesmo tempo que é importante no mundo francófono, é incapaz de assumir a totalidade dos fenómenos históricos, sociais e culturais responsáveis pela situação de dominação em que se encontra o homem africano. A partir daí, as poesias negras de expressão portuguesa devem ser apreciadas segundo uma óptica nova, rompendo portanto com o quadro proposto em 1953» (Margarido, 1969, p. 83).

Uma terceira antologia de Mário Pinto de Andrade surgiu em 1967, em Argel, com o título *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa.*, precedida de uma introdução do autor “A poesia Africana de Expressão Portuguesa: Evolução e Tendências”. Esta antologia foi também publicada em 1968 com a chancela da Pierre Jean Oswald, sob o título *La poésie africaine d’expression portugaise. Anthologie précède de “Evolution et tendances actuelles”*.

A antologia inclui ao todo vinte e quatro poetas: treze de Angola, Agostinho Neto, António Jacinto, Geraldo Bessa Victor, Fernando Costa Andrade, Mário António Fernandes de Oliveira e Viriato da Cruz; nove de Cabo-Verde, Aguinaldo Fonseca, António Nunes, Gabriel Mariano, Jorge Barbosa, Mário Fonseca, Onésimo Silveira, Ovídio Martins, Osvaldo Alcântara, Pedro Corsinho Azevedo; cinco de Moçambique, Jorge Rebelo, José Craverinha, Kalungano, Noémia de Sousa e Rui Noronha; quatro de S. Tomé e Príncipe, Alda do Espírito Santo, Costa Alegre, Francisco José Tenreiro, Tomás Madeiras; e ainda dois poemas da poesia de guerrilha da Guiné Bissau.

O ensaísta português Alfredo Margarido escreveu, em 1969, uma recensão a essa antologia de Mário de Andrade. Margarido classifica a antologia da seguinte forma: é «duma enorme importância para o estudo da poesia africana de expressão portuguesa. Trata-se de um balanço associado a uma análise estrutural muito fina que mostra a diversidade dos territórios sob dominação portuguesa, sem perder de vista a identidade do processo colonial. Isto leva Mário de Andrade a demonstrar que todos os escritores de expressão portuguesa partilham, para lá dos particularismos regionais, uma mesma situação cultural e política» (p. 73-74).

Como se pode ler da avaliação que Margarido faz à antologia de Mário Pinto de Andrade, aqui, os critérios de selecção dos autores que

integram a antologia têm a ver com os processos que constituíam «o conjunto do período africano de expressão portuguesa», a situação cultural e política da colonização. Mais uma vez, estamos em presença do ascendente de factores sociológicos sobre os pressupostos estéticos.

2.3. A sociologia do romance através de duas narrativas de Luandino Vieira.

Em 1971, a *Présence Africaine* publicou, num único volume em francês, duas narrativas de Luandino Vieira, “*A verdadeira vida de Domingos Xavier*” e “*O fato completo de Lucas Mateus*”, traduzidas por Mário de Andrade e Chantal Tiberghien, com um prefácio do primeiro. O título da tradução francesa das narrativas de Luandino Vieira é “*La vraie vie de Domingos Xavier suivi de le complet de Mateus*”.

No prefácio intitulado *Uma nova linguagem no imaginário angolano*, Mário de Andrade lança, pela primeira vez, as bases do estudo sociológico do romance angolano. Estas consistem no imaginário social do meio e no papel dos personagens no romance. O prefácio é uma leitura sociológica da narrativa de Luandino Vieira. O ensaísta classifica assim o livro de Luandino Vieira: «*Esta narrativa é um estudo sociológico da resistência que os angolanos de Luanda, nas vésperas do desencadeamento da luta armada, opõem à dominação portuguesa*» (Andrade, 1971b).

Do ponto de vista de uma abordagem estritamente sociológica, Mário Pinto de Andrade, no ensaio em referência, situa os leitores na análise da compreensão do nexos entre o contexto, o escritor, a obra e o imaginário literário, no estudo sociológico das obras de literatura, fazendo a seguinte caracterização sociológica das narrativas de Luandino Vieira: «*Enquanto se consolida a implantação colonial ao longo da costa africana, as cidades emergem e multiplicam-se. Os efeitos da dominação estrangeira sobre as formações sociais levam sectores importantes da população rural a demandar os meios urbanos. Mas é na periferia destes aglomerados que se organiza a nova vida dos africanos destribalizados. Um outro espaço sociológico surge nos “bairros da cidade cruel”. Esta divide-se nitidamente segundo uma dupla linha de demarcação racial e social, sobretudo na colónia de povoamento, como é o caso de Angola*» (Andrade, 1971b, p. 19).

Mário Pinto de Andrade aprofunda a caracterização sociológica do contexto em que emerge a nova literatura angolana, o discurso narrativo inaugurado por Luandino Vieira e estabelece a alteridade entre

a sociedade, o autor e a obra. A sociedade é a «cidade cruel» de Luanda e os seus musseques: «*Luanda, cidade à medida da nação angolana, totalmente aberta aos novos ventos do mundo, capital administrativa, foi progressivamente envolvida por uma cintura de miséria, com os bairros a crescerem em número e em pobreza, segundo a vontade da colonização e imigração branca. O povo chama a estes bairros «musseque», o que, originalmente, designava simplesmente a areia avermelhada do terreno. Os que mantinham a ordem colonial viam instalar-se nestes bairros de lata às portas da Luanda Europeia»* (Andrade, 1971b).

O autor é Luandino Vieira, portador de uma experiência social de vivência no musseque: «É num «musseque», o do Braga, que Luandino Vieira passa a sua infância. A sua obra de ficção testemunha um conhecimento vivido do universo deste bairro periférico» (Andrade, 1971b).

Quanto às obras, as duas narrativas reflectem a evolução da conscientização política, reflectem o mesmo quadro social e projectam o imaginário literário, emergente do contexto social (quadro sociológico). Para o estudioso angolano, «*As duas narrativas possuem uma temática comum: a prisão que os militantes angolanos compartilham. A trama destas histórias situa-se à volta da vida clandestina.*» (Andrade, 1971b). A primeira narrativa, *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier*, «é um estudo sociológico da resistência que os angolanos de Luanda, nas vésperas do desencadeamento da luta armada, opõem à dominação portuguesa». Em relação à segunda narrativa, *O fato completo de Lucas Mateus*, o sociólogo angolano afirma o seguinte: «o quadro sociológico da segunda narrativa é semelhante ao primeiro. No centro da acção encontram-se operários da fábrica de Luanda, a Textang» (1971b).

Em síntese, a perspectiva de Mário Pinto de Andrade no estudo sociológico do facto literário, privilegia o estudo do contexto sociológico (quadros sociais), como condicionantes do imaginário literário. No caso das duas narrativas sobre as quais recaiu a análise de Mário Pinto de Andrade, os elementos da realidade circundante que determinam a linguagem das narrativas têm a ver com a reconstituição dos dados sócio-económicos da exploração colonial e as desigualdades sociais dela decorrentes (Andrade, 1971a, 1971b). É, portanto, neste contexto histórico-social em que situa a obra e o autor de *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier e O fato completo de Lucas Mateus*. Daqui decorre o significado metodológico do ensaio *Uma nova lin-*

guagem no imaginário angolano, como um trabalho pioneiro na elaboração e estudo da sociologia da literatura em Angola, muito particularmente da sociologia do romance angolano.

Conclusão

A presença da sociologia da cultura na obra de Mário de Andrade não se esgota nos quatro aspectos que aqui foram objectos de análise: ensaio, linguística, antologias poéticas e narrativas. Como é sabido, ele também escreveu trabalhos sociológicos no domínio do teatro africano. O ensaio mais significativo neste capítulo é o seu prefácio ao livro *Continent-Afrique/Amazount*, de C. Néné-Klhaly Camara, intitulado “Antar-Chaka: vers un théâtre pour les peuples africains”. Trata-se de texto que constitui um valioso contributo à sociologia do teatro africano.

Portanto, a ideia genérica com que se fica da leitura das obras de Mário Pinto de Andrade referenciadas neste capítulo, consiste no seguinte: a cultura, a língua e a literatura enquanto domínios do saber sociológico (a sociologia das obras da civilização) fornecem aos actores sociais um quadro de referência para a orientação da sua acção social. É a tradicional questão da sociologia sobre a formação do imaginário civilizacional e cultural, do código linguístico e do imaginário literário com base num contexto social determinado, neste caso, o espaço negro africano.

Bibliografia

Andrade, M. P. (1997), *Uma entrevista dada a Michel Laban*. Lisboa: Sá da Costa.

Andrade, M. P. (1995a). “A literatura negra e os seus problemas”, in Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 385-390.

Andrade, M. P. (1995b), “Poesia negro-africana de expressão portuguesa, in Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de expressão portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta, pp. 391-395.

Andrade, M. P. (1982), *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, Lisboa: Editora Ática.

Andrade, M. P. (1971a), *La guerre en Angola – Etude socio-economique* (em colaboração com Marc Olliver). Paris, Editions Maspéro.

Andrade, M. P. (1971b), 'Nouveau langage dans l'imaginaire angolais', In L. Viera, *La vraie vie de Domingos Xavier, suivi de Le complot de Mateus*, Paris: Présence Africaine.

Andrade, M. P. (1958), *Antologia de Poesia de Expressão portuguesa*, Paris: Pierre Jean Oswald.

Andrade, M. P. (1953a), *Primeiro caderno de poesia negra de expressão portuguesa*, Lisboa, Abril/Maio.

Andrade, M. P. (1953b), *Esquema do problema linguístico negro-africano*. In Vértice, Coimbra, pp. 102-104.

Andrade, M. P. (1953c.), *Poesia negra de expressão portuguesa. Prefácio ao caderno homónimo*. Lisboa, Abril/Julho.

Andrade, M. P. (1952), *Do preconceito racial e da miscegenação. Palestra ao Centro de Estudos Africanos*, Lisboa.

Andrade, M. P. (1951-52a), 'Questões de linguística "Bantu" - I. Da posição do kimbundu na línguas de Angola'. In *Mensagem*, Luanda, nº 1 e 2.

Andrade, M. P. (1951-52b), 'A literatura negra e os seus problemas, I e II'. In *Mensagem*, Ano III, 12 e 13, Lisboa: CEI, pp. 1-3, 11-14

Andrade, M. P. (1951^a), 'História das civilizações em África: o passado ante-europeu'. Intervenção no Centro de Estudos Africanos, Lisboa, 16 de Dezembro.

Andrade, M. P. (1951b), 'Literatura negra e os seus problemas. Comentário à palestra proferida pelo Dr. Thomé Agostinho das Neves'. In *jornal Tribuna*.

Andrade, M. P. (1951c.), 'A propósito de um poeta Caboverdiano'. Lisboa. *Magazine da Mulher*, 14 de Outubro.

Andrade, M. P. (1951d.), 'Aspectos da literatura negro-africana. Palestra proferida na Casa dos Estudantes do Império', Lisboa, 27 de Maio.

Andrade, M. P. (1950a), *O folclore na cultura Bantu*. Lisboa, 10 de Outubro.

Andrade, M. P. (1950b), 'A expressão do Kimbundu. Palestra proferida na Casa dos Estudantes do Império', Lisboa, 2 de Abril.

Carvalho, P. (1991), *Estrutura social e linguagem. O caso da Angola colonial*, Coimbra: Instituto de Antropologia, 23 p.

Durkeim, E. (1995, 6ª edição), *As Regras do Método Sociológico*, Lisboa: Editorial Presença.

Ferreira, M. (1982), 'Metamorfose e premonição. Prefácio'. In F. Tenreiro, M.P. Andrade, *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Editora Ática.

Margarido, A. (1978a), *Alienação, Independentismo, negritude, mulatismo e negrismo nas poesias africanas de expressão portuguesa*. In A. Margarido, *Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: A Regra do Jogo, pp. 79-86.

Margarido, A. (1978b), *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa - da Negritude ao Combate*, Diário Popular, 15 de Junho. . In A. Margarido, *Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: A Regra do Jogo, pp. 129 - 134.

Margarido, A. (1969), *Poesia*, Antologia Temática, Literatura Africana de Expressão Portuguesa. . In A. Margarido, *Estudos sobre as Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: A Regra do Jogo, pp. 73-77.

Grani, G. (1977), *Sociologia da linguagem*. In G. Gurvitch, *Tratado de sociologia*, Livraria Martins Fontes Editora.

